

## Da minha biblioteca

## «Escrever é...», de Luís Ene



Adriana Nogueira

Classicista  
Professora da Univ. do Algarve  
adriana.nogueira.cultura.sul@gmail.com

Luís Ene (autor apresentado neste jornal, na edição de fevereiro de 2015) publicou, em fevereiro de 2016, sob a chancela da Lua de Marfim, *Escrever é dobrar e desdobrar palavras à procura de um sentido*, um conjunto de 45 contos ao longo de 67 páginas. Alguns têm duas linhas, outros ocupam cinco páginas. Esta variação de dimensão é progressiva e vai permitindo o dobrar e desdobrar de palavras, personagens, assuntos, enfim, o material de que o autor dispõe para construir as suas narrativas. Daí que não se estranhe a repetição de frases, o reaparecimento das personagens em contos distintos ou até o mesmo nome em personagens diferentes. São tantos (quase infinitos) os caminhos por onde um texto pode andar, que Luís Ene não os quis desperdiçar, exercitando a sua mestria.

## Percurso possíveis

Tal como a escrita, a nossa leitura não tem de ser sempre linear, e este livro é um desafio à descoberta dos itinerários que ele nos pode dar: «Descobriu assim que uma história podia aparecer de diversas formas e de diversos tamanhos e, sendo sempre a mesma história, era ao mesmo tempo sempre uma história diferente.» (conto 45, p.66).

E assim há histórias que continuam noutras. Ou há palavras que se dobram e se desenvolvem em histórias diferentes. Por exemplo, há uma espécie de expansão do conto 1 no conto 19. O primeiro é pequenino, mas contém os elementos que vão ser reutilizados no conto 19 (e em outros, onde as palavras

«embrulhar» e «desembrulhar são exploradas nos seus diversos sentidos e utilizações»). Conto 1 «Um dia embrulhado». O dia estava embrulhado; aproveitei e levei-o comigo, para oferecer a uma amiga muito especial. Era um dia cinzento e triste, perfeito para a minha amiga, que é dada à melancolia». O conto 19 é maior (ocupa cerca de 1 página), já nos indica o nome da amiga e algumas das suas características. Este conto enquadra o anterior, dando um sentido ao final escolhido. Porque a amiga «dizia que os presentes deviam ser especiais, deviam dizer não só alguma coisa a quem os recebia mas também a quem os oferecia. Se não se tinha um presente assim, mais valia não oferecer qualquer presente.

O dia estava embrulhado e ele sabia o que fazer com ele. Não hesitou, levou-o para oferecer à Cecília. O dia era cinzento e triste, mas a sua amiga era dada à melancolia» (p.12).

## A escrita

Deixei, acima, no título desta página, o nome do livro positivamente incompleto, como tentativa de resumir, naquelas duas palavras, uma das temáticas recorrentes do autor, que é a reflexão sobre a escrita e sobre o ato de escrever.



Luís Ene publicou a sua última obra no passado mês de Fevereiro

No conto 25, há uma explicação mais completa da forma como faz a escrita acontecer:

«Sentei-me e comeci a escrever, uma palavra depois da outra, à espera que no final tudo fizesse sentido; um novo sentido que fosse muito além do sentido inicial.

Escrever é dobrar e desdobrar palavras à procura de um

sentido, escrevi uma vez, ainda que não esteja certo que a frase seja realmente minha. Com a escrita nunca se sabe, e eu tenho sempre dúvidas quanto à autoria do que escrevo, mas, em contrapartida, acredito nas palavras e nas histórias que elas contam, ainda que se escrevam muitas vezes quase sozinhas, até tanto melhor

quanto menos eu interferir. As histórias estão como que em suspensão, é o que acredito, e é preciso encontrá-las e fazê-las aparecer, revelá-las, como uma fotografia.

Escrevi uma frase, depois outra, desdobrei a primeira, dobrei a segunda, e fui dando espaço para a história surgir. Às vezes surgia logo em seu formato final, outras era apenas um vislumbre, um quase nada, mas a maior parte das vezes percebia que tinha uma história, ainda que não estivesse a vê-la por completo.

Outras vezes a história não aparecia mesmo, não aparecia mesmo de um todo, como foi o caso» (pp.17-18).

Este tema vai aparecendo pelo livro. No conto 31, aproveitando a presença do gato Benevides, há uma nova reflexão sobre a ficção e a confusão que se pode fazer entre escrita e realidade: um momento de metaliteratura (ou metaficção), que também nos leva, como leitores, a pensar sobre qual o nosso papel nesta dinâmica que se estabelece entre um real alheio que é ficciona-

do e o nosso real, com o qual descodificamos aquela ficção:

«Observo o gato Benevides e de imediato ele entra na minha escrita, como me acontece muitas vezes não só com ele mas com muitas outras realidades, porque se podemos eventualmente questionar que toda a realidade seja ficção, ainda que percebida e construída por nós, dificilmente se poderá afirmar que a ficção, apesar de invenção, não é construída a partir do real (...). Escusado será explicar que o gato Benevides que se passeia nesta folha é outro gato que não aquele que observo, ainda que tire a sua verdade do gato original» (p.26).

## Bem e mal, amor e morte

Os temas dos contos são variados, mas há um privilégio de assuntos que nos levam a pensar sobre os limites a que nos leva o amor, independentemente do objeto da nossa afeição e da própria definição desse sentimento; sobre a morte e a sua presença na vida, mesmo quando a queremos ignorar; sobre o bem e o mal e o quão difícil é definirmos as suas fronteiras. O conto 6 é um perfeito exemplo: «O bem e o mal». Era um homem mau, capaz no entanto de boas ações. Com o tempo, tornou-se um homem bom, capaz no entanto de más ações. Os seus inimigos nunca deram pela diferença. Os seus amigos também não».

Em geral, os contos estão organizados para que nos surpreendamos com o seu final. São construídos para, eficazmente, nos surpreenderem com o uso de uma palavra ou de uma personagem que faça uma reviravolta. Luís Ene usa de uma forma literal palavras em contextos que esperaríamos que o sentido fosse o figurado (ou vice-versa), pregando, portanto, partidas à nossa expectativa e trocando-nos as voltas.

Nestes contos vai encontrar muita reflexão com inteligência e humor.



Livro integra um conjunto de 45 contos ao longo de 67 páginas

## AGENDAR



## "DO PRINCÍPIO"

9 ABR | 21.30 | Teatro das Figuras - Faro

O músico Tiago Bettencour faz uma viagem pela sua carreira de mais de dez anos, iniciada com os Toranja, onde não vão faltar todos os seus grandes sucessos



## "DESCORTINAR"

Até 30 ABR | Galeria do Convento do Espírito Santo - Loulé

Tata Regala apresenta um estudo fotográfico sobre o conceito de retrato, onde as palavras vestem e desnudam